

**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## Cartografia das Lutas Urbanas: Ciberativismo, ensino e aprendizagem durante a pandemia da SARS-CoV-2<sup>1</sup>

**Manuela Cristina Rêgo de Carvalho**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**Carina Castro Pedro**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**João Paulo Araújo Souto**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

### Sessão Temática 08: Movimentos sociais e a construção do urbano contemporâneo

**Resumo.** O presente artigo apresenta os resultados teórico-metodológicos da disciplina e webinar *Cultura e Lutas Urbanas*, que, diante do contexto da pandemia da Covid-19, teve por objetivo cartografar as lutas urbanas a partir de novas práticas extensionistas e do trabalho de pesquisadores do tema. A atividade parte do incentivo dos projetos de extensão *Cartografia das Lutas e Geopolítica e Cidades*, vinculados ao programa de extensão *IndLab* junto ao grupo de pesquisa *Indisciplinar (CNPq/UFMG)*, onde ambos promoveram o evento nos meses de fevereiro e março de 2021 como parte da *Formação Transversal da UFMG*. O Webinar contou com a participação de pesquisadores convidados que realizam a cartografia das lutas urbanas em diversas localidades brasileiras, passando pelos seguintes temas: levantes, redes e ruas; urbanismo tático; arte contemporânea e ocupações culturais; movimentos insurgentes de ocupação em Belo Horizonte; disputas territoriais e insurgentes; e ocupações urbanas de moradia; e teve como produto final uma cartografia colaborativa desenvolvida na plataforma *Miro*. Dessa maneira, objetiva-se promover uma discussão sobre as novas possibilidades de ensino e pesquisa em rede, a transdisciplinaridade entre esses múltiplos atores e uma análise da implementação do Método Cartográfico Indisciplinar frente ao contexto pandêmico.

*Palavras-chave:* Processos transdisciplinares; lutas urbanas; método cartográfico; movimentos sociais.

*Cartography of Urban Struggles: Cyberactivism, teaching and learning during the SARS-CoV-2 pandemic*

**Abstract.** This paper presents the theoretical-methodological results of the course and webinar "*Culture and Urban Struggles*", which happened during the Covid-19 pandemic and aimed to map urban struggles based on the latest extensionist practices and works of the subject's researchers. The activity was promoted by the extension projects "*Cartography of Struggles*" and "*Geopolitics and Cities*", both linked to the *IndLab* extension program with the *Indisciplinar* research group (CNPq/UFMG). The event happened during February and March of 2021 as part of UFMG's *Transversal Formation*. The webinar had the participation of guest researchers who map urban struggles in several Brazilian locations, covering the following themes: uprisings, streets and social media; tactical urbanism; contemporary art and cultural occupations; insurgent occupation movements in Belo Horizonte; territorial and insurgent disputes and urban housing occupations. The final product was a collaborative cartography developed on the *Miro* platform. Therefore, this work's aims to promote a discussion about the new possibilities of teaching and researching

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*in network, the transdisciplinarity between multiple actors and an analysis of the Indisciplinary's Cartographic Method in face of the pandemic context.*

*Keywords: Transdisciplinary processes; urban struggles; cartographic method; social movements.*

---

*Cartografía de las Luchas Urbanas: Ciberactivismo, enseñanza y aprendizaje durante la pandemia del SARS-CoV-2*

**Resumen.** Este artículo presenta los resultados teórico-metodológicos de la disciplina y webinar *Cultura e Lutas Urbanas*, que, en el contexto de la pandemia de la Covid-19, tuvo como objetivo mapear las luchas urbanas a partir de las nuevas prácticas extensionistas y del trabajo de investigadores del tema. La actividad es parte del incentivo de los proyectos de extensión *Cartografía de las Luchas y Geopolítica y Ciudades*, vinculados al programa de extensión *IndLab* junto al grupo de investigación *Indisciplinar (CNPq/UFMG)*, donde ambos promovieron el evento en febrero y marzo de 2021 como parte de la *Formación Transversal de la UFMG*. El Webinar contó con la participación de investigadores invitados que realizan el mapeo de las luchas urbanas en varios lugares de Brasil, abordando los siguientes temas: levantes, redes y calles; urbanismo táctico; arte contemporánea y ocupaciones culturales; movimientos de ocupación insurgente en la ciudad de Belo Horizonte; disputas territoriales e insurgentes; y ocupaciones de viviendas urbanas; y tuvo como producto final una cartografía colaborativa desarrollada en la plataforma *Miro*. Así, el objetivo de este artículo es promover una discusión sobre las nuevas posibilidades de docencia e investigación en red, la transdisciplinarietà entre estos múltiples actores y un análisis de la implementación del *Método Cartográfico Indisciplinar* frente al contexto de pandemia.

*Palabras clave: Procesos transdisciplinarios; luchas urbanas; método cartográfico; movimientos sociales.*

## Introdução

A pandemia do SARS-CoV-2<sup>1</sup> gerou, entre tantas outras questões, a urgência de adaptação e transformação dos ambientes de educação a partir do uso de novas tecnologias digitais. Seja no âmbito das universidades ou na organização de movimentos sociais, as redes sociais e as plataformas digitais colaborativas tornaram-se grandes aliados para produção de conhecimento, troca de informações e a própria organização social. Assim como outros vírus, a exemplo do Ebola em 1997 e do SARS em 2002, a Covid-19, que emergiu em Wuhan na China em janeiro de 2020, tem no contato humano o seu maior risco de contágio e, conseqüentemente, o isolamento social junto ao uso de máscaras passaram a ser as ações mais urgentes de combate à essa contaminação.

Diante da necessidade de adequações a esse isolamento, o trabalho e ensino remoto dentro do espaço de casa - o home office - passou a ser a realidade de parte da população mundial, onde a rotina, o dia a dia, confundiu-se naturalmente à produção. Apesar disso, sob o arco desse “novo mundo” surgem novas subjetividades e novos métodos, novas possibilidades de ensino, de aprendizagem e de trocas sociais, mesmo que virtualmente. Dessa forma, este artigo busca apresentar parte da experiência prática virtual e coletiva da disciplina e webinar *Cultura e Lutas Urbanas*<sup>2</sup> realizado nos meses de fevereiro e março de 2021 como possibilidade de aprendizado a partir do contato com múltiplos atores e uma experimentação metodológica a partir de diversas ferramentas digitais em rede.

Tal experiência surge vinculada às atividades de pesquisa e extensão do Grupo *Indisciplinar (CNPq/UFMG)*, junto aos projetos de extensão *Cartografia das Lutas e Geopolítica e Ciudades*, vinculados ao programa de extensão *IndLab*. O grupo de pesquisa *Indisciplinar*, sediado na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, atua na elaboração de cartografias (mapas, linhas do tempo, registro em redes sociais, textos, eventos) concernentes à produção contemporânea do espaço urbano. Destaca-se como produção material do grupo (a) cartografias colaborativas e ferramentas de georreferenciamento e interação; (b) o levantamento, análise e representação da evolução dos fenômenos investigados em linhas do tempo; (c) a produção colaborativa em rede; (d) a criação de redes, a partir do uso tático das redes sociais e canais de comunicação de ampla utilização na internet; e (e) a incidência política por meio de ações nas ruas a partir de aulas públicas, atividades artísticas e culturais.

O webinar surgiu como parte da *Formação Transversal da UFMG*<sup>3</sup> e teve como objetivo promover uma cartografia colaborativa das lutas urbanas no Brasil. Com isso, buscou-se, a partir da

sobreposição entre teoria e prática, promover a criação de uma cartografia a partir da produção de múltiplos atores - pesquisadores, coletivos urbanos, resistências, movimentos sociais - que atuam em diversas frentes de ação junto aos movimentos sociais urbanos. Dessa maneira, a atividade contou com a participação de pesquisadores que realizam a cartografia das lutas urbanas em diversas localidades brasileiras. Essa cartografia aparece aqui como uma opção teórico-metodológica que pressupõe a não separação entre pesquisador e o objeto de pesquisa, e identifica tanto os processos de investigação quanto as ações executadas.

Este texto busca, portanto, apresentar a experiência prática da disciplina enquanto ambiente de aprendizado multidisciplinar e de produção coletiva no contexto da pandemia da Covid-19, objetivando assim debater novas metodologias e métodos transescalares de ensino, pesquisa e extensão que considerem o pesquisador enquanto ator concreto junto à militâncias e ativismos urbanos. Considera-se aqui a possibilidade de tais atores na formação de redes de investigação, nacionais e internacionais, buscando uma interligação e troca a partir da possibilidade do ensino remoto em unir diversas localidades no Brasil e no mundo.

Em suma, também permite-se discutir o método cartográfico desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Indisciplinar então aplicado no contexto de ensino remoto e realizado a partir do uso de plataformas colaborativas virtuais como Google Drive, Zoom e Miro. Assim, este artigo estrutura-se a partir dos seguintes pontos: (1) uma breve contextualização das lutas urbanas em questão; (2) a aproximação com o contexto de pandemia da Covid-19 e o uso de plataformas e novas tecnologias digitais; (3) a apresentação do método cartográfico e da experiência colaborativa como produto da disciplina/evento; e (4) considerações finais.

## **1. Cartografia das Lutas Urbanas: Militância, resistência e ativismo enquanto método**

Compreende-se que, nos estudos sociais, a cartografia aparece não apenas como um mapeamento de base territorial, mas também como ferramenta de intervenção e de visibilização de acordos, de estratégias de ação e das narrativas presentes nos próprios atores envolvidos nos movimentos. Pensando nisso, o Grupo de Pesquisa Indisciplinar (CNPq/UFMG) buscou, a partir de uma investigação transescalar e atuante, realizar uma cartografia dos movimentos sociais por meio dos diversos atores (humanos e não humanos), narrativas e eventos. Assim, a experiência teve como base a própria extensão e imersão em campo junto a pesquisadores e resistências, realizada por meio de plataformas e recursos digitais, frente ao contexto da pandemia da SARS-CoV-2.

Como já mencionado anteriormente, o webinar Cultura e Lutas Urbanas teve por objetivo compreender a territorialização das manifestações coletivas e movimentos sociais no Brasil, a partir das apresentações e discussões dos pesquisadores convidados, muitos desses atuantes ou alinhados com as principais pautas e ações dos coletivos enquanto ativistas e militantes. O webinar contou com a participação da professora Dra. Maria da Glória Gohn (UNICAMP e UFABC)<sup>4</sup> no seu evento de abertura, realizado em 03 de fevereiro de 2021 e, durante a de abertura do evento, a convidada e professora atuante junto ao Indisciplinar, Marcela Brandão apresentou parte da abordagem metodológica utilizada pelo grupo em suas pesquisas – o método cartográfico, genealógico e em platôs – que serviu de base para a construção da cartografia, análise das narrativas e também da avaliação dos alunos da disciplina.

Aqui destaca-se também que a disciplina consistiu em cinco encontros, de quatro horas cada, realizados virtualmente na plataforma Zoom (disponibilizada pela Universidade) e também transmitida ao vivo no canal do Youtube. Junto às apresentações, da abertura e dos demais dias, foram disponibilizados artigos e livros, publicados pelos próprios palestrantes-ativistas, como referencial teórico para os alunos. Viu-se a necessidade de um momento assíncrono a ser realizado antes das apresentações como forma de familiarizar os espectadores às temáticas abordadas no webinar. Cada palestrante teve quinze minutos de apresentação, sendo um total

de seis pessoas por noite divididos em dois blocos com três momentos para debate entre os blocos. Como estratégia pedagógica, o método serviu como base de construção coletiva dessas narrativas já mencionadas, mas também como processo participativo entre os alunos, demonstrando as particularidades de interação frente às ferramentas virtuais. A avaliação final foi realizada pela participação nas discussões e elaboração do material final (cartografia) na plataforma colaborativa Miro.

Dando prosseguimento às atividades, nos dias 10, 17 e 24 de fevereiro, a partir da apresentação dos pesquisadores convidados, discutiu-se os seguintes temas: (1) urbanismo tático e as intervenções temporárias enquanto práticas emergentes à recuperação gradual dos espaços públicos; (2) a participação da arte nas lutas urbanas e a atuação das ocupações culturais; (3) os espaços biopotentes e movimentos sociais surgidos na cidade de Belo Horizonte; (4) as práticas insurgentes em torno das disputas territoriais entre comunidades e o mercado imobiliário; e (5) a atuação dos movimentos sociais de luta por moradia; sendo a maioria destes inseridos no contexto da produção neoliberal das cidades brasileiras.

Aqui torna-se importante destacar que toda a organização, formulação e contatos realizados para o evento foram realizados de maneira online e a divulgação se deu principalmente por meio das redes sociais oficiais do grupo (facebook, instagram e plataforma wiki), assim como nos grupos de whatsapp da Universidade e de colegas parceiros. Os convidados foram informados meses antes a partir de um convite feito do e-mail da organização que solicitava, além da apresentação na designada data, um artigo para a elaboração posterior de um e-book como um dos produtos finais do webinar. A imagem abaixo demonstra parte do acervo de comunicação elaboradora para a divulgação (figura 01):



**Figura 1.** Material produzido para divulgação do Webinário Cultura e Lutas Urbanas (fonte: acervo do Grupo de Pesquisa Indisciplinar).

Aqui, retoma-se o momento de abertura do webinar (figura 02) para que se destaque a discussão teórica alavancada como base para o prosseguimento das aulas, da análise e da apresentação



de todos os demais convidados. É importante ressaltar que o momento de abertura teve como intuito apresentar o estudo da relação entre as lutas urbanas brasileiras e latino americanas com as insurgências em escala global, tendo como base os diferentes atores e narrativas presentes nos movimentos de ocupação de redes e ruas após o ano de 2008, com destaque para insurgências como a Primavera Árabe (2010), *Occupy Wall Street* (EUA - 2011) e as Jornadas de Junho (Brasil - 2013). Dessa forma, a disciplina se encaixa no contexto de análise dos diversos movimentos sociais realizado por Gohn (2020) a partir do entendimento dos ciclos de protestos ocorridos no Brasil da década de 70 até a atualidade, onde a autora promove uma apreensão teórica e temporal que correlaciona as principais teorias acerca do estudo dos movimentos sociais urbanos.



**Figura 2.**

Recortes do primeiro dia de webinário realizado na plataforma zoom e ao vivo no canal do youtube (fonte: acervo do Grupo de Pesquisa Indisciplinar).

Com base nos escritos existentes e na apresentação de Gohn (2014a; 2014b; 2016), nos interessa a diferenciação entre os novíssimos movimentos sociais – objeto de estudo do webinário – e as ações clássicas a partir de cinco ciclos de protestos definidos pela autora no Brasil. Para ela, os movimentos sociais no Brasil se agrupam em cinco ciclos de luta: um primeiro na década de 1970; um segundo durante a transição democrática dos anos de 1980; um terceiro que surge após a Constituição de 1988; um quarto na primeira década do novo século e o quinto, ao qual nos interessa, após junho de 2013 (GOHN, 2019, p.93).

O quinto ciclo de luta é compreendido pelo surgimento dos novíssimos movimentos sociais: manifestações coletivas recentes, não hierárquicas e de gestão descentralizada, que surgiram em vários lugares do mundo, e, ao que nos interessa, no Brasil a partir dos conflitos de 2013. Tais ações surgem como novas formas de resistências comunais, com foco em pautas mais identitárias e locais, movidos por redes e nas ruas, e principalmente, organizados a partir de uma participação ativista.

Pois bem, de maneira breve, o primeiro ciclo é marcado pela década de 1970 e por diversos movimentos de resistência contra o regime militar, influenciando a produção acadêmica brasileira sobre a participação em movimentos sociais. Nesse momento, a autora aponta a “participação popular, em bairros e regiões da periferia das grandes cidades, em busca de condições mínimas de sobrevivência e na luta por direitos sociais básicos” (GOHN, 2020, p.96). O segundo ciclo diz respeito à transição para a redemocratização até a Constituição de 1988, que se define pela retomada da democracia e retorno de eleições para governos estaduais.

O terceiro ciclo ocorreu em 1988, com o surgimento de uma nova que desloca o foco de muitos pesquisadores ao estudo dos atores da sociedade civil e a atuação dos movimentos sociais junto ao Estado, a partir de políticas públicas. Dessa forma, surgem “os representantes das demandas da sociedade nos novos canais de participação criados, como nas Câmaras, no Senado e na esfera do Poder Executivo” (GOHN, 2020, p.101). O quarto momento se reflete no final dos anos 90, nos movimentos antiglobalização e nas ações coletivas a partir do associativismo civil, como aponta a autora:

Na primeira década do novo século, com a ascensão de grupos da oposição, ao poder político da nação, o do Partido dos Trabalhadores, em diferentes esferas de governo (federal, estadual e municipal), deslocou-se a ênfase dos debates sobre a participação popular dos agentes da sociedade civil (movimentos, ONGs, coletivos, associações e outros), para a temática da participação social em esferas institucionais públicas (GOHN, 2020, p.101).

Por fim, o quinto ciclo, que recebe maior destaque nessa experiência, corresponde à década de 2010 e as pesquisas sobre os movimentos sociais a partir de 2013. Segundo Gohn (2020), após a crise do capitalismo global de 2008, diversos movimentos semelhantes surgem em vários países marcando um retorno do espaço democrático das ruas e iniciando uma nova década, como por exemplo o movimento 15 M na Espanha e os *Occupys* nos Estados Unidos. Essas ações passam a destacar o que seria “o ativismo dos jovens e o uso das novas tecnologias”, alterando o perfil dos atores militantes. No Brasil, destacam-se as manifestações de junho de 2013 em diversas capitais que protestavam contra o deslocamento de investimentos em políticas sociais ao investimento na Copa do Mundo, e colocam em cena os “novíssimos atores sociais” (GOHN, 2020, p.105).

Nos resta ainda compreender a diferenciação entre ativismo e militância para uma melhor compreensão dos atores envolvidos nesses movimentos e dos próprios pesquisadores atuantes junto a eles. Para Gohn (2014), os atuais movimentos inseridos no quinto ciclo de protestos se diferem daqueles que emergem no século XIX e nas primeiras décadas do século XX (operários, revolucionários, movimentos da década de 70 que reivindicavam melhorias urbanas e eram opositores aos regimes militares), que se articulavam a partir de “militâncias”, unidas por ideologias e pautas comuns. Esses novíssimos movimentos sociais se articulam a partir de “ativismos” e não pertencem a um grupo específico, sendo coletivos com o apoio da mídia e organizados por pessoas comuns, fora do mundo da política oficial.

É de suma importância destacar também neste texto o contexto de cidade na qual esses movimentos se inserem: a cidade neoliberal. De maneira breve, Pierre Pierre Dardot e Christian Laval (2016) entendem o neoliberalismo como um modelo que orienta governos, empresas e milhões de pessoas, de forma inconsciente, potencializado mais e mais pelos avanços tecnológicos do Estado moderno e o enfraquecimento do poder público, onde as suas práticas concentram-se em uma nova razão contemporânea fundamentado em uma racionalidade.

Aqui, compreende-se que no neoliberalismo os Estados passam a ser intervencionistas, deixando de atuar na proteção social e conduzindo territórios e pessoas às necessidades diretas do capital, materializando no mercado o mito do “empreendedorismo”. Esse seria então o Estado-capital, “a fortificação da figura estatal quando associada aos interesses do mercado” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.335), e que deixa a maioria das pessoas às margens dos seus investimentos, dos seus interesses e do seu papel enquanto promotor do bem estar social. Diante disso, emergem diversas lutas que buscam acima de tudo garantir que esse papel seja cumprido, ou mesmo, reivindicar o direito de participação frente às decisões sobre a cidade e os bens públicos.

Sobre a relação entre o Estado e os movimentos sociais, Gohn (2014b) admite que essa interação se faz mediante a retirada da “ação” por meio de regras e espaços demarcados, onde a possibilidade de emancipação se confina nas resistências. “O sujeito coletivo se dilacera, fragmenta-se em múltiplos campos isolados” (GOHN, p.65). Nesse sentido, e sob a emergência do neoliberalismo, passam a surgir diversos movimentos que englobam diferentes pautas como a

luta antirracista, antifascista, feminista, indígena, ambiental, entre outras; que se mostram frente a um sistema que homogeneiza a prática socioespacial nas cidades.

## 2. Cybercultura e pandemia: sociedade em redes e novas tecnologias digitais

Se já havíamos sido considerados uma sociedade totalmente em redes, com a pandemia do novo coronavírus nunca fomos tão digitais. De um lado, a dificuldade de conexões e trocas presenciais, do outro, o trabalho home office, as aulas online, as novas estratégias de marketing e venda, os relacionamentos por aplicativos, o lazer em meio à *lives* que conectam milhões de pessoas de vários lugares do mundo. Essas redes conectam e desconectam pessoas, grupos, serviços, trocas comerciais, e, como já afirmava Manuel Castells (1996), vivemos um processo de transformação tecnológica que se expande em razão da sua capacidade de criar uma interface entre “campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida” (CASTELLS, 1996, p.68).

É válido aqui lembrar os principais paradigmas trazidos pela revolução tecnológica e elencados por Castells (1996) para então compreender a sociedade em redes, ou mesmo, o ciberespaço (Lévy, 1999). Para o autor, cinco aspectos representam a base dessa sociedade: (1) a informação como matéria prima acima da própria tecnologia; (2) o poder da tecnologia em moldar essas informações, individuais ou coletivas; (3) a rede enquanto configuração topológica que pode vir a ser implementada em diversos tipos de processos e organizações; (4) a flexibilidade de adaptação dessas redes; e por fim, (5) a crescente convergência de tecnologias específicas em um sistema único integrado (CASTELLS, 1996, p.109).

Tomando como base o entendimento da rede a partir de Castells (1996), este admite que tal configuração torna-se rizomática e fluida à medida que seus processos são reversíveis, permitindo que organizações e instituições possam ser modificadas e/ou reorganizadas. Essa mudança e fluidez presente nas redes de comunicação e tecnologia permitem assim o surgimento de novas formas e processos sociais, antes não inseridos no contexto de produção da sociedade capitalista. Ainda que essa mudança tecnológica não englobe em sua totalidade o mundo, ela possibilitou uma maior conexão entre diferentes localidades, atores e contextos sociais. Cabe-nos refletir aqui sobre a mudança, ou mesmo adiantamento de uma nova fase nessa revolução, trazida pela pandemia da Covid-19.

Torna-se fundamental entender o conceito de ciberespaço trazido pelo filósofo Pierre Levy (1999) para a compreensão do que seriam os efeitos de uma sociedade imersa nas redes e as consequências sobretudo psicológicas e sociais sob o efeito de uma pandemia. Para Lévy, o ciberespaço:

[...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 2003, p. 17).

De acordo com Lévy (1999) o crescimento desse ciberespaço fornece um ambiente propício para o desenvolvimento de uma inteligência coletiva, que ele caracteriza como “um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação” (LÉVY, 1999, p.28). Essa atividade é um dos principais motores da formação da cibercultura, onde, à medida que mais processos de inteligência coletiva se desenvolvem, mais conhecimentos são apropriados pelos indivíduos e grupos no ciberespaço e transformados em cultura.

Com a pandemia, essa imersão tecnológica vem se aprofundando à medida que a necessidade crescente de comunicação nos submete à uma imersão quase que total nas redes. A linguagem

digital passa a necessitar cada vez mais traduzir os acontecimentos reais, o ensino e aprendizagem antes em sala de aula, os conflitos inseridos nas ruas e realidades diferentes de cada lugar do país e do mundo. O ciberespaço passa a mesclar-se com o espaço real, com o vivido, e com isso grande parte das nossas atividades passaram a conectar diversas localidades: a casa, o trabalho, a creche, a escola, a universidade, o espaço público.

O uso de plataformas colaborativas como *Miro* e *Invision* tornou-se frequente nas salas de aula virtuais, as conferências e reuniões feitas a partir do *Zoom*, do *Google meets*, assim como diversas outras novas tecnologias digitais que facilitam o ensino, a pesquisa científica e até mesmo a extensão passaram a alterar a configuração professor-aluno. Essa adequação à nova realidade, que já vinha acontecendo, demonstrou a potência do compartilhamento de conhecimento em rede, da facilidade de comunicação demonstrada por aplicativos como Whatsapp e Telegram, a diminuição do tempo de deslocamentos e a inserção das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter) como ferramentas de divulgação e promoção em vários âmbitos do mercado.

Todavia, é importante notar que essa vida em rede e a imersão no ciberespaço também se apresentam como agravantes no processo de produção capitalista, sobretudo na neoliberalização da vida e na forma como esse sistema permeia o cotidiano até o nosso psicológico. A rotina de trabalho, agora em casa, passa a incluir também os afazeres domésticos, os cuidados com a família, os filhos e até mesmo os momentos de lazer, transformados em encontros online. Sobre essas questões e esse controle social pela necessidade de produzir mais e mais, Byung-Chul Han (2015) afirma que a sociedade do século XXI destaca-se pelo seu desempenho e pela sua produção, movidos pelo empreendedorismo de si mesmo e vislumbrados por um poder “ilimitado”.

O controle de tal se dá muito além do próprio capital, mas, em meio a pandemia é amplificado como parte do próprio sujeito: em se auto cobrar, no aumento da carga de trabalho remoto, em exigir de si um desempenho mais rápido e conseqüentemente nas jornadas extras de trabalho. Como conseqüências, a sociedade do desempenho gera em si um cansaço e esgotamento, culminando nas diversas patologias psicológicas: depressões, ansiedades, crises de pânico, o esgotamento mental que inunda a alma e o corpo do sujeito moderno (BYUNG-CHUL HAN, 2015).

Em relação ao webinar Cultura e Lutas Urbanas, retomamos Manuel Castells (2013), ao afirmar que, diante da incapacidade de articulação na cidade e de compartilhar a vida comum, os cidadãos passaram a se organizar em redes e formaram-se milhares de “redes de esperança” conectando problemas reais de pessoas reais na segurança do ciberespaço. Para o autor, se antigamente os movimentos sociais dependiam de uma comunicação a partir “boatos, sermões, panfletos, manifestos”, hoje, eles se comunicam a partir de redes digitais horizontais e interativas, e “é por isso que os movimentos sociais em rede da era digital representam uma nova espécie em seu gênero” (CASTELLS, 2013, p.16).

Cabe-nos aqui discutir como essas novas formas de organização social, militantes e ativistas, se conectam em redes e quais as possibilidades de reconhecê-las e cartografá-las a partir de plataformas e novas tecnologias digitais. Para isso a experiência da disciplina se apresenta como uma primeira tentativa de sintetizar e aplicar o método da cartografia das controvérsias em meio ao contexto de isolamento social e imersão no ensino remoto emergencial, apresentando-se nos tópicos seguintes a partir do entendimento transescalar desta pesquisa e do processo enquanto o próprio produto dessa experimentação.

### **3. Método transescalar de pesquisa: Uma análise da cartografia das lutas urbanas**

Conforme já mencionado nos tópicos anteriores, o webinar cultura e lutas urbanas teve com objetivo principal compreender a relação entre as lutas urbanas brasileiras e latinoamericanas com as insurgências em escala global a partir dos diferentes atores – humanos e não humanos - e das narrativas presentes durante os movimentos de ocupação de redes e ruas pós-2008. Ainda, foram



abordados durante as apresentações tópicos escolhidos de acordo com as urgências e interesses de pesquisa do grupo. Para uma melhor compreensão desses temas, tem-se na tabela 1 um resumo das apresentações e dos participantes:

**Tabela 1.** Catalogação das temáticas e dos palestrantes do webinar de acordo com os seus projetos de pesquisa (fonte: elaborado pelos autores).

INFORMAÇÕES GERAIS				
TEMÁTICA NO WEBINÁRIO	Convidado	Temática da sua pesquisa	Titulação atual	Universidade/Cidade/Região
Cartografia das Lutas – 02 de fevereiro de 2021				
	Maria da Glória Gohn	Ativismos No Brasil: Movimentos Sociais, Coletivos e Organizações Sociais Cívicas	Doutora	Unicamp – São Paulo - SP
	Marcela Silvano Brandão	Método cartográfico indisciplinar	Doutora	UFMG - Belo Horizonte - MG
Levantes, redes e ruas – 10 de fevereiro de 2021				
	Maira Ramirez Nobre	Insurgências urbanas contemporâneas, levantes, junho de 2013	Doutorado em andamento	UFMG - Belo Horizonte - MG
	Rosane Rebeca de Oliveira Santos	Disputas territoriais, Junho de 2013 e novos movimentos sociais	Mestre	UFRJ – Rio de Janeiro - RJ
	Murilo Henrique Garcia	MBL e movimentos da direita	Doutorado em andamento	UFMG - Belo Horizonte - MG
Urbanismo tático e intervenções urbanas – 10 de fevereiro de 2021				
	Ana Carolina Carvalho Farias	Taxonomia do Urbanismo Tático; Táticas Urbanas Emergentes	Doutorado em andamento	Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE-IUL, Portugal
	Nayara Araújo Benatti	Redes e Ruas Ocupações híbridas na cidade de SP	Doutorado em andamento	USP – São Paulo - SP
	Manuela Cristina Rêgo de Carvalho	Urbanismo tático e intervenções temporárias	Doutorado em andamento	UFMG - Belo Horizonte - MG
Movimentos insurgentes de ocupação em BH – 17 de fevereiro de 2021				
	Joviano Maia Mayer	Espaços autonomistas e quilombos em BH	Doutor	UFMG - Belo Horizonte - MG
	Paula Bruzzi Berquó	A ocupação" e a produção de espaços biopotentes em Belo Horizonte	Doutorado em andamento	UFMG - Belo Horizonte - MG

	Liliane Augusta Moreira	Movimentos de Ocupações, junho 2013, preservação do patrimônio histórico	Mestre	UFMG - Belo Horizonte - MG
Arte contemporânea e ocupações culturais – 17 de fevereiro de 2021				
	Rafael Goffinet de Almeida	Participação popular, arte contemporânea e produção do espaço	Doutorado em andamento	USP – São Paulo - SP
	Mariane Cardoso de Santana	Ocupações artísticas, coletivos artísticos no espaço público urbano de Aracaju.	Mestrado em andamento	USP – São Paulo - SP
	Mariana Angelis Ferreira	Ocupações artísticas na cidade de SP	Mestre	UEMG – Belo Horizonte - MG
Disputas territoriais e práticas insurgentes – 24 de fevereiro de 2021				
	Paulo Stuart Angel Jacob da Silveira	Disputas territoriais, Junho de 2013 e ocupações artísticas	Mestre	UFMG - Belo Horizonte - MG
Ocupações de moradia – 24 de fevereiro de 2021				
	Carina Castro	Ocupações verticais e a luta por moradia	Doutorado em andamento	UFMG - Belo Horizonte - MG
	Luiz Felipe Velloso Leal	Ocupações, Movimentos de luta por moradia	Mestre	UFMG - Belo Horizonte - MG

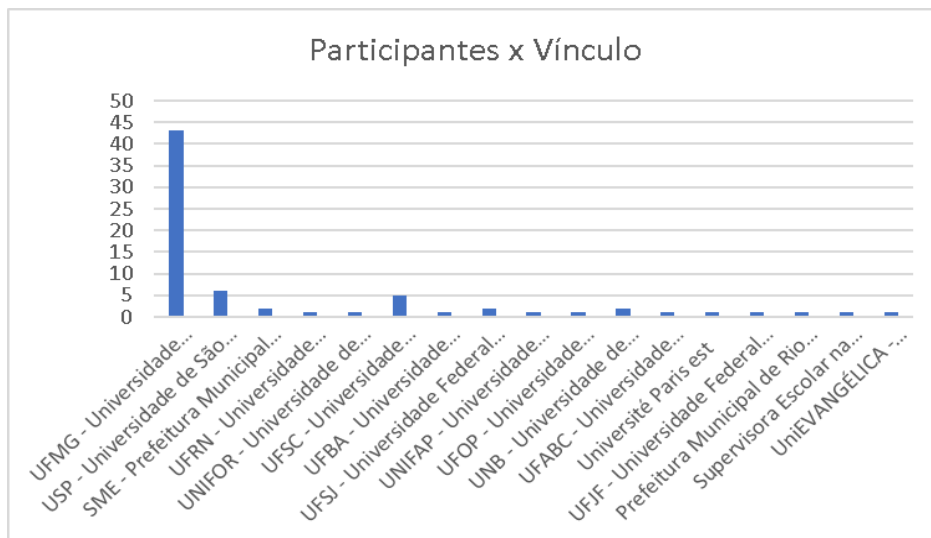
Obs. O webinar se dividiu em quatro dias, sendo o primeiro deles a abertura, e os demais divididos em dois blocos com três convidados. A tabela demonstra a escolha da temática de acordo com as suas temáticas de pesquisa como alunos de mestrado ou doutorado.

A partir da tabela 1 demonstra que a maioria dos palestrantes são alunos de pós graduação a nível de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, pois, suas falas serviram para ampliar o entendimento da dinâmicas políticas-sociais local, já que seriam atravessadas umas às outras no momento da produção da cartografia, facilitando na identificação e compreensão das controvérsias e disputas territoriais. Além disso, esses mesmos atores também surgem como pesquisadores e participantes da rede de ativismo local, tendo atuado nos levantes dos anos 2010.

Da mesma forma, alunos convidados de outras universidades, partiram desse contato em torno de uma rede de pesquisadores – professores e alunos – interessados nos estudos dos movimentos sociais e na ocupação do espaço urbano por eles. Nota-se, entre muitos temas, a predominância dos seguintes: insurgências urbanas, urbanismo tático, ocupações de moradia, levantes de junho de 2013 no Brasil e disputas territoriais. Tal constatação reafirma o estudo dos novíssimos movimentos sociais por parte da academia, imbricados em redes e nas ruas na compreensão de um período de tensões e revoltas urbanas presentes no Brasil desde 2008, conforme afirma Maria da Glória Gohn no quinto ciclo de lutas.

No total, foram matriculados 23 alunos internos e 48 ouvintes de diversas localidades do Brasil, totalizando 71 participantes. Em sua maioria são estudantes das ciências sociais: arquitetura, antropologia, geografia e direito; como também das artes visuais e design. A partir do gráfico

abaixo observa-se que a grande maioria dos participantes (43) são alunos de graduação e de pós graduação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em seguida das Universidades de São Paulo e Santa Catarina (figura 3).



**Figura 3.** Gráfico da quantidade de participantes do webinar por vínculo acadêmico e empregatício (fonte: produzido pelos autores a partir dos dados coletados das inscrições no SIGA e google forms).

Após os quatro dias de apresentações a disciplina passou a ser voltada aos 23 alunos matriculados das diversas graduações da UFMG junto à formação transversal. A mesma objetivou promover uma discussão sobre as temáticas apresentadas no webinar, do material produzido durante as aulas e em atividades assíncronas (leitura do material bibliográfico disponibilizado) e também da análise da cartografia construída coletivamente na plataforma Miro. Como já mencionado, a principal ferramenta pedagógica e de investigação da disciplina consistiu no Método da Cartografia das Controvérsias<sup>5</sup> desenvolvido pelo grupo de pesquisa Indisciplinar. Tal método parte das reflexões e costuras teóricas dos escritos de Michel Foucault (1986), somados aos conceitos de “rede e rizoma” de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996) e a Teoria Ator-Rede (TAR) de Bruno Latour (2012), em uma síntese metodológica que tem como objetivo principal a identificação de controvérsias entre as narrativas dos atores humanos e não humanos na trama de pesquisa. De acordo com Lopes et al. (2019):

Acredita-se que a sistematização dos métodos de produção do conhecimento dentro dos grupos de pesquisa seja importante para contribuir e fomentar reflexões sobre as disputas de poder que envolvem a legitimação de determinadas informações em detrimento de outras. Interessa lembrar que a produção do espaço é cada vez mais atravessada por forças que contribuem para o avanço do Capital, inclusive na tecitura da vida cotidiana e na produção de subjetividades nos centros urbanos. Mapear como se dão as formações dos grupos, a partir da sua conexão com determinadas narrativas, permite identificar os pontos de interseção entre os grupos, como também as possíveis armadilhas recorrentes nos processos de disputas. Aposta-se, com isso, que seja também possível fortalecer as conexões entre os processos coletivos e colaborativos já em ação nas disputas territoriais (LOPES et al. 2019, p.12).

Apoiando-se no método cartográfico e nas próprias diretrizes investigativas do grupo de pesquisa Indisciplinar, o webinar buscou unir a produção de uma cartografia colaborativa construída a partir de diferentes atores com a construção em redes. Dessa forma, tal metodologia imbrica sujeito e objetos, pesquisador e pesquisados, em um processo experimental, de maneira trans-escalar, traduzindo as suas narrativas e eventos complexos de maneira sintética. Em relação à atuação em redes, buscou-se criar um ambiente de troca e construção de conhecimento ativista,

a partir de atores envolvidos diretamente com os movimentos sociais nas ruas, trazendo-os junto às suas experiências a partir das redes em um processo tecnopolítico.

Neste momento, busca-se dialogar o entendimento do método, a aplicação dele durante o webinar e a análise da produção obtida com a experiência do evento – em termos de trocas coletivas, construção de conhecimento e experiência didática no contexto de pandemia. Diante da necessidade de realização de aulas online, conforme solicitado pelo plano de Ensino Remoto Emergencial da UFMG, o método necessitou ser adaptado ao ambiente virtual, assim, para fins práticos da disciplina utilizou-se da plataforma Miro para os estudos e a criação colaborativa da Cartografia das Controvérsias. Houve assim a elaboração de um resumo do método na plataforma Miro, para auxiliar na produção da cartografia. Esse diagrama metodológico resume como os eventos, narrativas e atores – humano e não humanos – devem ser dispostos e interligados a partir de cores – laranja, rosa, amarelo e azul – seguindo o padrão já utilizado pelo grupo de pesquisa Indisciplinar nos seus outros trabalhos:

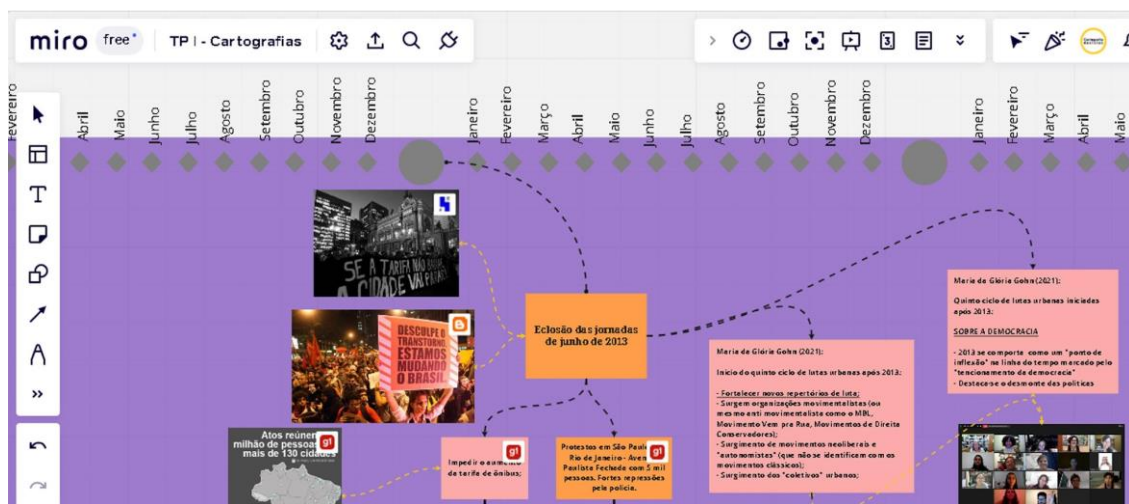




A primeira delas é que (1) há questões de fato e questões de interesse: existem fatos marcados no tempo - os eventos – compreendidos a partir são entendidos a partir das figurações sobre esse fato, ou seja, das diferentes narrativas apresentadas pelos atores. Essas narrativas não são puras; podendo existir várias narrativas sobre um mesmo fato e consistem de explicações, pontos de vista, críticas, julgamentos de valores, etc. Segundo Lopes et al. (2019):

Os eventos podem ser mapeados a partir de fontes acadêmicas (livros, teses, dissertações, artigos, etc.), das mídias hegemônicas ou não (jornais, televisão, redes sociais, etc.), em entrevistas formais ou conversas informais, disparadas por meio de jogos, vídeos e outros modos de interação. Com isso, pretende-se a construção de uma genealogia dos fatos. Para um mesmo evento (um fato marcado no tempo), há mais de uma narrativa (LOPES et al. 2019, p.9).

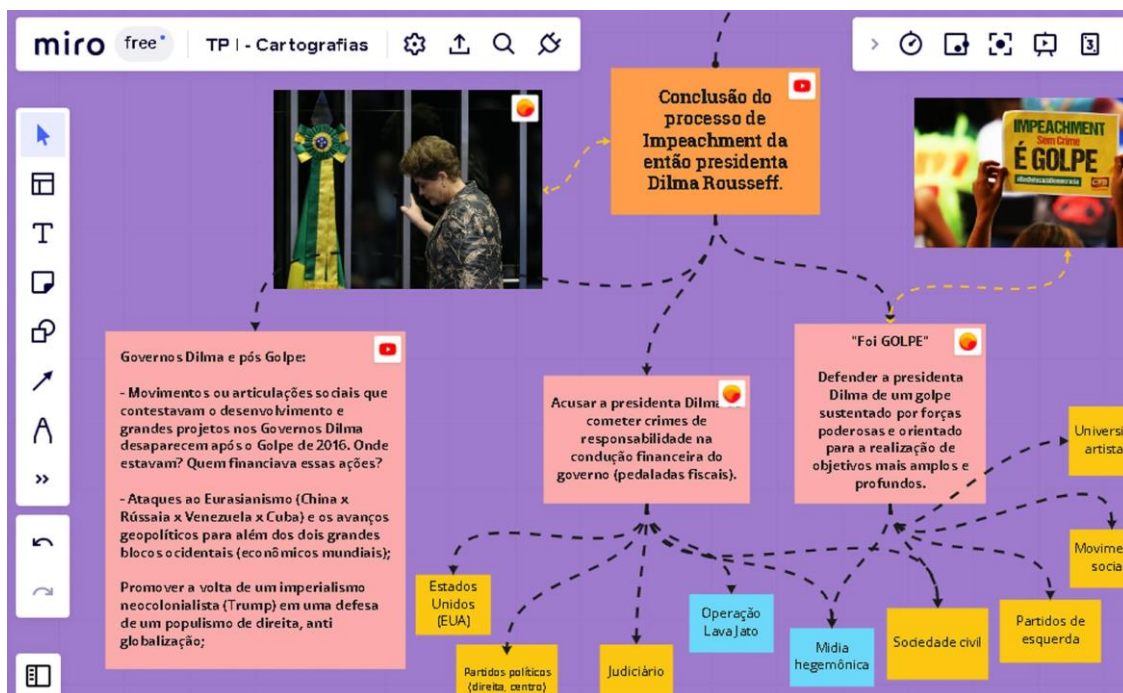
Tal conceituação é demonstrada a partir do esquema abaixo realizado pelos alunos a partir da palestra da professora Gohn na plataforma Miro. Na atividade alertou-se que os eventos deveriam ser alocados em blocos, com a cor laranja, conectados a um dos pontos na linha do tempo junto ao ano em que o evento acontece, onde cada ponto representa um mês do ano. Já o bloco das narrativas deveriam ser preenchidos na cor rosa com a citação referente ao evento e aos atores em questão, fazendo também o uso de recursos visuais como fotografias e desenhos, como exemplifica a figura 4:



**Figura 4.** Narrativas em torno de junho de 2013 no Brasil. Fonte: Produzido pelos alunos e grupo Indisciplinar na plataforma Miro.

Em seguida, Latour sugere que (2) “não existem grupos, apenas formação de grupos”. Os atores confluem entre redes de interesses sem estarem em grupos estáticos e assim, um mesmo ator pode se associar a diferentes narrativas. A ação é assumida pela própria construção da rede, onde os atores humanos e não humanos estão, não só submetidos à forças externas, como também agem nas suas conexões - linhas - e cruzamentos – nós. Podemos pensar os grupos sociais mas também podemos pensar/identificá-los a partir de como eles orbitam em torno das narrativas. Por exemplo, algum ator humano pode estar associado a mais de uma narrativa e dessa forma emergir alguma controvérsia em seu discurso.

A exemplo, temos a imagem abaixo que apresenta um recorte da cartografia realizada pelos alunos e que demonstra parte da narrativa do impeachment da presidenta Dilma Rousseff no Brasil em agosto de 2016. Observa-se que a acusação de crimes de responsabilidade na condução do governo parte de diversos atores – partidos políticos de direita, judiciário, operação lava jato, a própria mídia, a sociedade civil – e esses dois últimos também apresentam narrativas diferentes. Portanto, tais atores apresentam duas narrativas diferentes, demonstrando controvérsias em torno da acusação – foi ou não foi golpe? Ela cometeu ou não crimes?



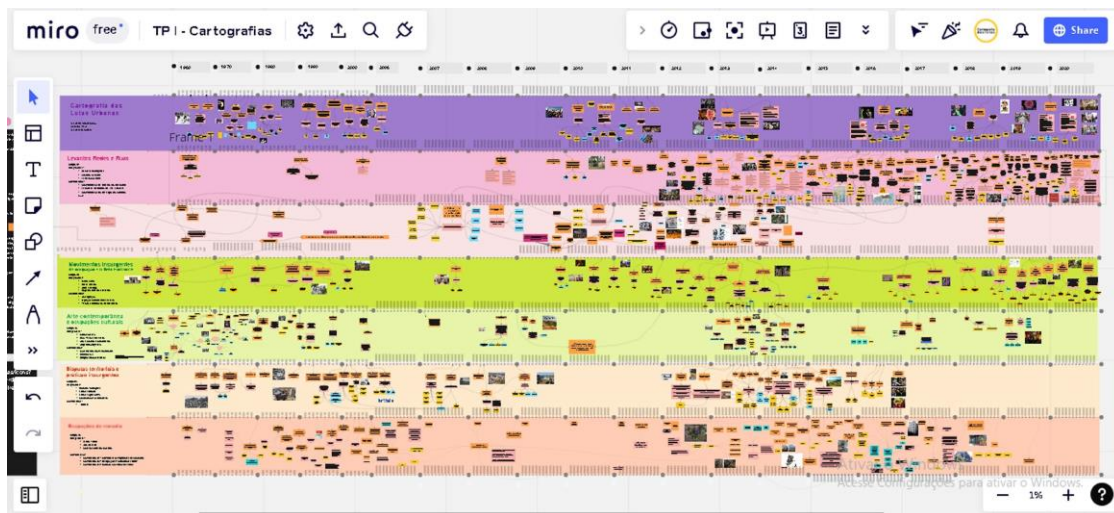
**Figura 5.** Narrativas em torno de agosto de 2016 no Brasil. Fonte: Produzido pelos alunos e grupo Indisciplinar na plataforma Miro.

A terceira incerteza diz respeito aos (3) atores não humanos – os objetos – demonstrando que os mesmos também agem (com o quê?), influenciado por variadas narrativas que se constroem em uma rede. Esses atores não humanos podem se apresentar a partir de diversos objetos de análise: leis, partidos políticos, as ferramentas, os sistemas construtivos, intervenções urbanas como grafite, projetos, construções, etc. Novamente podemos identificar as controvérsias, como por exemplo em uma mesma lei que pode ser entendida diferentemente para cada grupo.

A quarta incerteza (4) está na diferença da questão do fato (O quê?) e a questão de interesse (Por quê?) a partir da própria construção da rede, onde os atores humanos e não humanos estão, não só submetidos à forças externas, como também agem nas suas conexões - linhas - e cruzamentos – nós. Ou seja, analisar a cartografia parte de analisar a rede como um todo, observando as suas conexões, as suas linhas que interligam vários atores a uma mesma narrativa, os seus desdobramentos e arranjos.

A quinta incerteza (5) diz que os relatos são sempre relatos de risco e há várias maneiras de se construir esses relatos são importantes, observando sempre a multiplicidade de informações apresentadas pelos atores. Dessa forma, o que existe são várias camadas sobrepostas em uma cartografia, entendida aqui como platôs e apresentadas em diversas escalas – local, nacional, global – constituídas a partir de uma linha do tempo. Na experiência do webinar, é interessante destacar a utilização de diversas estratégias e ferramentas: fotografias, relatos dos participantes e dos palestrantes, bibliografia disponibilizada para a disciplina, croquis, links de sites e de notícias, todos interligados a partir de linhas de conexões – os laços.

A figura 06 tem por intuito apenas demonstrar a interligação dos diversos eventos, narrativas, atores humanos e não humanos em uma linha do tempo que vai de 1960 (primeiro ciclo de lutas demonstrado por Gohn) a 2021 (pandemia), linearmente distribuídos nos seis tópicos apresentados no webinar – evidenciados nas cores horizontalmente:



**Figura 6.** Narrativas em torno de agosto de 2016 no Brasil (fonte: produzido pelos alunos e grupo Indisciplinar na plataforma Miro).

Junto a essa construção metodológica, a plataforma proporcionou o diálogo entre o método e a leitura temporal dos movimentos sociais apresentada pela professora Maria da Glória Gohn em sua palestra, demonstrados a partir de uma linha do tempo com os principais acontecimentos de 1960 a 2020. Como já mencionado anteriormente, tal leitura é feita a partir dos diferentes movimentos ao longo dos anos, mas sempre associando a um grupo específico junto à uma narrativa. Diante disso, busca-se compreender a partir da construção do webinar: Quem são os porta vozes desses movimentos? Quem são as pessoas que estão em torno das principais narrativas elencadas ao longo das palestras?

Por fim, vale destacar que, a partir deste embasamento teórico, a cartografia foi fundamental para o processo de se encontrar os eventos (o que?) a partir de narrativas (por que?), que dão e são dadas por atores-humanos (com quem?) que trabalham com atores não humanos (com o que?). Nessa investigação, a partir dessas questões se desdobra o entendimento dos nós e das redes em construção, onde foi possível visualizar as formações dos grupos (como?) e suas conexões (quais as relações de forças?) inseridos em uma linha do tempo (quando?) a fim de entender e rastrear seus desdobramentos e controvérsias.

#### 4. Considerações finais

Aqui inicialmente tange destacar a experiência da disciplina cultura e Lutas Urbanas enquanto processo, ou seja, enquanto elaboração de uma experiência coletiva e metodológica em meio à diversas possibilidades de interação em rede. Além disso, como experiência pedagógica, a disciplina serviu como modelo para a outras experiências – os webinários Cultura e Lutas Urbanas no Nordeste, realizado em junho de 2021 e o Coletivos Urbanos: Arquitetura, Design e Ativismo, realizado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2021. Além disso, a experiência também proporcionou a produção de material acadêmico – artigos e apresentações – por parte dos pesquisadores envolvidos na organização e a produção de um ebook com artigos de todos os palestrantes a ser lançado em 2023.

Outra questão diz respeito às mudanças no ensino e na aprendizagem com a pandemia, o que demonstrou oportunidades de experimentar novos métodos de maneira remota diante da vulnerabilidade e dos riscos impostos no contato social. Muito além de uma adequação, as experiências realizadas mostram uma nova visão sobre ensino a distância, que possibilita uma maior integração de estudantes e professores a longas distâncias. A partir da Plataforma Miro foi possível a realização de um trabalho colaborativo que integrou pesquisadores, alunos e professores de diversas localidades do Brasil e do mundo. É interessante lembrar que durante os anos de 2021 e 2022 as universidades públicas do país abriram as grades de suas disciplinas para

o ingresso de alunos de todo o país, isso possibilitou uma enorme troca de conhecimento entre a graduação e pós graduação.

Enquanto produto, a cartografia demonstrou a possibilidade de diversas conexões estabelecidas em rede e com isso observar as diferentes temporalidades dos movimentos (linha do tempo), momentos de ruptura (vazios na linha do tempo onde não existiam protestos ou movimentações) e de potências como é o caso de junho de 2013. Ainda, proporcionou a visualização dos diferentes atores humanos e não humanos presentes nessas ações e a frequência em que esses se organizam a partir das demandas e lutas. Notou-se que momentos na linha do tempo merecem destaque pela maior incidência de eventos e narrativas: junho de 2013, por exemplo, conseguiu em todas as temáticas apresentar uma grande quantidade de relatos. Todos os pesquisadores mencionaram o evento dos levantes em suas falas, demonstrando assim um ponto de inflexão na cartografia.

Ainda sobre uma breve análise da cartografia, as pesquisas apresentadas traziam narrativas de diferentes cidades do Brasil, principalmente nas capitais. Assim, foi importante perceber as principais pautas que apareceram, as disputas de narrativas em um mesmo evento, o apagamento e a ascensão de atores humanos e não humanos na rede e também eventos chaves que antecedem grandes eventos. A leitura dessa cartografia, portanto, não se baseia em uma visão essencialista, um mesmo ator não humano – como por exemplo uma peça gráfica publicitária – pode ser usado por dois ou mais atores humanos com diferentes fins.

Por fim, é importante destacar o envolvimento de todos os pesquisadores/palestrantes, enquanto ativistas ou militantes, com as lutas urbanas e com isso a troca de conhecimento sobre as diferentes abordagens e temáticas ligados a partir de uma rede única, ou mesmo, uma temática geral: a dos movimentos sociais urbanos. Para isso, a importância da apresentação de abertura e da participação em todas as aulas da professora Gohn e aplicabilidade da sua linha do tempo junto ao método na cartografia, enquanto narradora direta e principal da cartografia. Ou seja, todos os envolvidos no webinar foram narradores, mas a sua fala interligou todas as demais narrativas, cruzando as demais linhas temporais e conexões.

O webinar proporcionou assim o fortalecimento dessa rede entre pesquisadores já conhecidos e envolvidos com o grupo Indisciplinar: pessoas que estudam e estão envolvidas com as lutas, formando assim conexões com outros professores e grupos de pesquisa. Dessa forma, o método desenvolvido pelo grupo proporciona uma interação da universidade com os outros setores sociais, à medida que ultrapassa os limites da sala de aula e se abre ao reconhecimento e participação dos outros atores como agentes de movimentos sociais, profissionais ligados a órgãos públicos, entre outros.

Encerra-se este texto não com certezas, mas com novas incertezas e controvérsias, onde, seguindo os escritos de Bruno Latour (2012) é necessário seguir os atores, ao invés de simplesmente encaixá-los em categorias e papéis previamente formulados. Portanto, como cartografar esses novíssimos movimentos sociais, entendendo-os, muitas vezes como atores fluidos e temporários em determinados eventos e marcos temporais? Qual o impacto do contexto pandêmico no estudo dos movimentos sociais? E qual o papel da pesquisa e do ensino na formação dessas redes de investigação internacionais e transnacionais?

## 5. Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em redes**. São Paulo: Paz e terra, 2002.



CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 1, 1995.

FREITAS, Daniel Medeiros de; LOPES, Marcela Silviano Brandão; RENA, Natacha Silva Araújo. **Cartografias indisciplinadas: experiência extensionista nas lutas urbanas de Belo Horizonte-MG**. Debates Insubmissos, v. 3, n. 11, p. 230-259, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/viewFile/243135/37580>>. Acesso em: 21 novembro 2022.

GOHN, M. G. M. **Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

GOHN, M. G. M. Ciclos de protestos no Brasil: 1970-2019. **Mundos Plurales**: Revista Latinoamericana de Políticas y Acción Pública, Quito, v. 6, n. 1, p. 93 - 119, 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://revistas.flacsoandes.edu.ec/mundosplurales/article/view/3925/3497>>. Acesso em: 21 novembro 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. O neoliberalismo e as técnicas de poder. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador/Bauru, São Paulo: Edufba/Edusc, 2012.

LOPES, Marcela Silviano Brandão; SÁ, Ana Isabel De; RENA, Natacha. **Método cartográfico indisciplinar: da topologia à cartografia do rizoma**. VIRUS. n. 19. p. 1-13. 2019. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=en>>. Acesso em: 21 novembro 2022.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, Bernardo; HENRIQUE, Luis; PIMENTA, Marília; BRANDÃO, Marcela; RENA, Natacha. Breve cartografia das lutas em BH. p. 242-263. No livro: Cidade, estado, capital. In: Cidade Estado Capital: Reestruturação urbana e resistências em Belo Horizonte, Fortaleza e São Paulo. Org. Raquel Rolnik et al. São Paulo: FAUUSP, 2018. Disponível em: <[https://observasp.files.wordpress.com/2018/04/cidadestadocapital\\_virt\\_low.pdf](https://observasp.files.wordpress.com/2018/04/cidadestadocapital_virt_low.pdf)>. Acesso em: 21 novembro 2022.

OPAS/OMS Brasil. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-comopandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-comopandemia&Itemid=812). Acesso em: 21 novembro 2022.

<sup>1</sup> Pandemia declarada pela Organização Mundial da Saúde no dia 11 de março de 2020 (OPAS/OMS BRASIL, 2020).

<sup>2</sup> As gravações do Webinário Cultura e Lutas Urbanas estão disponíveis no Youtube no Canal do Indisciplinar: <[https://www.youtube.com/watch?v=NBICTfKU0ZQ&list=PL1GPGbMPnSwf1fJ\\_5U3is\\_VyKkPVlFVe](https://www.youtube.com/watch?v=NBICTfKU0ZQ&list=PL1GPGbMPnSwf1fJ_5U3is_VyKkPVlFVe)>.

<sup>3</sup> As Formações Transversais da UFMG são um conjunto de atividades acadêmicas curriculares que abordam diversas temáticas de interesse geral, incentivando a formação de espírito crítico e de visão aprofundada sobre esses temas. O sistema de Formações Transversais constitui um espaço comum de formação para os estudantes de todos os



---

curso de graduação da UFMG. Informações disponíveis em: <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal>.

<sup>4</sup> Maria da Glória Gohn é autora de vinte e dois livros publicados sobre a temática dos movimentos e participação social e referência às diversas publicações realizadas pelo Grupo de Pesquisa Indisciplinar. Atualmente é professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Professora Visitante Senior-UFABC desde 2017 e coordenadora de GT Movimentos Sociais na Contemporaneidade da SBS desde 2008. Tem sua apresentação no Webinar Cultura e Lutas Urbanas disponibilizada em: [https://www.youtube.com/watch?v=1LGwPf5wz7I&list=PL1GPGbMPnSwf1fJ\\_5U3is\\_VyKkPVfLfVe&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=1LGwPf5wz7I&list=PL1GPGbMPnSwf1fJ_5U3is_VyKkPVfLfVe&index=4).

<sup>5</sup> Método cartográfico indisciplinar: da topologia à cartografia do rizoma. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=6&lang=en>. Acesso em 17. maio. 2021.